

# A GAZETA MÉDICA E A CÓLERA NA BAHIA DO SÉCULO XIX

Fábio Barros Sá Barreto\*

Centro Universitário Leonardo da Vinci-UNIASSELVI

## RESUMO

*O projeto de pesquisa “A Gazeta Médica e a Cólera na Bahia do século XIX” tem por objetivo analisar a produção literária e científica dos médicos, lentes, estudantes, memorialistas, autores de artigos publicados na Gazeta Médica da Bahia, juntamente com as teses de doutoramento da Faculdade de Medicina da Bahia, a descrição e as explicações realizadas pela intelectualidade médica, no período de 1855-1856, ápice epidêmico da cólera. A escolha do presente tema sobreveio em decorrência da elaboração de um seminário exigido pela disciplina de História da Bahia II, despertando o interesse pela referida temática, bem como de todos os acontecimentos contextualizadores daquela realidade. Em relação à metodologia implementada na confecção deste projeto, teremos a utilização da história social da cultura em junção da história da Medicina, alternando com as mentalidades, cruzando-as com as fontes primárias e secundárias (livros e registros) a fim de que juntas facilitem a compreensão das transformações socioeconômicas, religiosas entre outras, tendo como pano de fundo o embate da medicina.*

Palavras-chave: Medicina. Cólera. Século XIX.

## APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

Só mesmo os anjos e os santos poderiam salvar os baianos de tamanha catástrofe, um peculiar soar de sinos paralisava toda e qualquer pessoa da cidade do Salvador em meados do século XIX. Toques lentos e profundos era sinal de que uma nova leva de vítimas da peste estava para ser enterrada. O pânico e o terror eram alimentos dia após dia. (SANTANA, 2002, p. 87).

O projeto de pesquisa “A Gazeta Médica

e a Cólera na Bahia do século XIX” tem por objetivo analisar a produção literária e científica dos médicos, lentes, estudantes, memorialistas, autores de artigos publicados na Gazeta Médica da Bahia, juntamente com as teses de doutoramento da Faculdade de Medicina da Bahia, a descrição e as explicações realizadas pela intelectualidade médica, no período de 1855-1856, ápice epidêmico da cólera.

Os anos 70 do século XIX, também se consubstanciaram, enquanto momento

\* Professor-Tutor Externo do Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI.

de fortalecimento e amadurecimento da Faculdade de Medicina da Bahia, que tomara consciência de si como porta-voz do progresso nacional redefinindo a atuação médica (BARRETO JÚNIOR, 2005). *Homens de ciência* projetavam ousadamente elevar a produção científica à altura das demais nações criando algo novo, para além da importação das ideias estrangeiras. Queixavam-se da falta de criatividade e espaço científico, alegando não terem produzido nada de genuinamente brasileiro, uma vez que a química era uma ciência francesa, a psicologia inglesa, a anatomia alemã e a criminologia era italiana, daí a missão de criar-se uma ciência e objeto de saber especificamente autóctone.

A população baiana, especialmente a de Salvador e de algumas localidades do Recôncavo, reagiu a esse período pestilento e, tal patologia desestruturou a província nas ordens econômico-político e social, resultando numa época marcada pela sensível diminuição demográfica e descrédito do cientificismo. Paralelo a isso, os cientistas buscavam incessantemente o reconhecimento e prestígio nacional e internacional, adotando meios e métodos oriundos das escolas europeias e seus procedimentos cientificistas que herdaram do Iluminismo (CORVISIER, 1995).

A escolha do presente tema sobreveio em decorrência da elaboração de um seminário exigido pela disciplina de História da Bahia II, despertando o interesse pela referida temática, bem como de todos os acontecimentos contextualizadores daquela realidade. Para um trabalho mais consistente escolhi o recorte temporal o que é justificável pelos seguintes motivos: momento de ápice epidemiológico; diminuição da demografia baiana; queda e desestabilidade econômico-social e afetiva entre os anos de 1850-1860 aproximadamente.

No tocante à culminância do presente trabalho acadêmico, pretendeu-se realizar

uma análise sistemática da produção, da inteligência médica através da Gazeta Médica Baiana e do poder público a fim de obter explicações sobre as ações perpetradas durante o flagelo em Salvador e algumas localidades do recôncavo baiano.

Tais acontecimentos desencadearam décadas depois, questões de estudos relevantes acerca desta patologia, nos anos 70 do século XIX, também, consubstanciaram-se enquanto momento de fortalecimento e amadurecimento da Faculdade de Medicina da Bahia que tomará consciência de si como porta-bandeira do progresso nacional e redefinindo a atuação médica.

Em relação à metodologia implementada na confecção deste projeto, teremos: a utilização da história social da cultura em junção da história da medicina alternando com as mentalidades, cruzando-as com as fontes primárias e secundárias (livros e registros) a fim de que juntas facilitem a compreensão das transformações socioeconômicas, religiosas, entre outras, tendo como pano de fundo o embate à medicina.

A cólera (*Cholera morbus*), cólera asiática ou da Índia foi descrita em 1543 por Gaspar Correia e em 1563, por Garcia de Orta. Seu agente patogênico é o vibrião colérico, *Vibrio cholerae*, descoberto por Robert Koch, em 1883, transmitido por água e alimentos contaminados pelos excrementos dos portadores de germens. Enfim, é uma infecção intestinal aguda, causada pela enterotoxina do *Vibrio cholerae* que impede a absorção de água pela parede do intestino, podendo se apresentar de forma grave, com diarreia aquosa e profusa, com ou sem vômitos, dor abdominal e câibras.

Em 21 de julho de 1855, dois pescadores de baleias morreram no Rio Vermelho. A partir daí diversos casos passaram a ocorrer naquela região, atingindo e matando cerca

de oito a dez pessoas por dia obrigando os habitantes a se retirarem para o centro da cidade, modificando comportamentos, desorganizando a economia, alterando também as relações afetivas, a exemplo do abandono do tradicional costume de enterros nas igrejas.

É neste contexto que discutiremos a chegada e a estadia da epidemia na Bahia e as medidas adotadas pelo governo. Momento de tensão em que a população teve seu cotidiano devassado, mas procurava improvisar e sobreviver, apesar do medo. Na maioria das freguesias urbanas de Salvador, Capital da província, se erguiam lado a lado casa de pobres e ricos. Ainda não havia separação entre “bairros populares” uma completa “promiscuidade social” (DAVID, 1996).

Nessa ocasião, a escassez de gêneros de primeira necessidade e a carestia foram alguns dos efeitos da epidemia, desorganizaram, consideravelmente, a estrutura político-administrativa da Bahia. Também, ficaram desarticulados os comércios interno e externo da Bahia:

Com efeito, logo se verificou a escassez e encarecimento dos produtos comestíveis. O Doutor Rodrigues Seixas, esse nosso fiel informante, resumia a situação nos seguintes termos: As famílias dos artistas privados do lucro, os pobres sem recurso, procurando os gêneros de primeira necessidade, ou não os acham no mercado ou os encontram por preço extraordinário; do que resulta que a alimentação pública no tempo da crise epidêmica é privilégio do rico. (DAVID, 1996, p. 65).

A medicina baiana teve, entre 1855-1856, que combater uma doença praticamente desconhecida à época que resistia a toda espécie de tratamento empregado. Como diria um médico da época, a exemplo de Cipriano Betâmio (MENEZES, 1955) a cólera zombava dos medicamentos. Mas essa não foi a única dificuldade encontrada

pelos médicos naquele momento. Eles também tiveram que lidar com a obstinação do governo que se impunha como poder soberano, com a desconfiança do povo que muitas vezes preferia acreditar no poder preventivo e de cura da religião.

## CONSIDERAÇÕES TEÓRICO – METODOLÓGICAS

Ultimamente, a historiografia vem dando grande atenção ao estudo das epidemias, concedendo a essas análises objetivas uma metodologia bastante diversa da tradicional. Antes, ao abordar-se o tema epidemias, se tentava descrever, sob o ponto de vista médico, qual a sua origem, o modo como se manifestara, como ocorria o seu contágio, de onde procedera, quanto tempo havia perdurado, quantas vítimas ocasionara.

A metodologia atual procura conhecer os surtos epidêmicos em longo prazo, quando se observam esses movimentos em período longos da história, e o papel desempenhado pelas epidemias nas modificações encontradas na própria conjuntura econômica e social das nações, ou de uma região. As novas hipóteses que surgiram para o exame desses surtos têm, portanto, o cunho da história social e econômica.

Usaremos alguns expedientes da historiografia moderna: analisar em que tipo de conjuntura a epidemia teria se manifestado, identificar se tal fato se deu num período de depressão ou prosperidade, avaliar se a epidemia seria causa ou consequência de um dado momento conjuntural ou ele independia. Estabelecer relação entre a epidemia e a população e a influência na organização espacial da cidade e se ela encontrava ou gerava fome, em que tipo de clima social se manifestava: de paz, tensão ou crise. Discutir quais as camadas da população ceifadas e sua faixa etária, sexo mais atingido, se feminino ou masculino.

A partir do contraste entre os poderes estabelecidos, a posição científica de um lado e o discurso mítico e religioso do outro, avaliaremos os posicionamentos ou movimentações da sociedade baiana, no referido período, diante da crise instalada pela cólera a partir de uma perspectiva da história social, não deixando de aproveitar a contribuição da história das mentalidades.

Desta forma, busca-se por meio de análise da estrutura social-econômica e política que compuseram a Bahia do século XIX, especificamente nos anos de 1855-1856, entender a vitimização populacional do aludido período, por considerar que o historiador deve atribuir ao objeto eleito para estudo uma explicação global dos fatos humanos, acima de qualquer compartimentação, trabalhando sob a influência da nova historiografia francesa, permitindo uma compreensão melhor da conjuntura econômico-social e a doença com caráter epidêmico.

Diante do exposto, o problema ora relatado consubstancia-se na razão de ser deste projeto e na seguinte indagação: a vitimização da população baiana foi consequência de uma inevitável tragédia natural ou fruto da incompetência de quem tinha o dever de contornar a situação?

Acreditamos na segunda hipótese e tentaremos provar no decorrer da pesquisa, isto porque em que pese o surgimento e o alastramento da cólera, o controle e a erradicação poderiam ser efetivados pelos poderes competentes da política e da ciência caso ambos tivessem sido previdentes, evitando assim a tragédia histórica ora estudada.

Todas essas indagações, que são encontradas em KÁTIA MATTOSO e JOHILDO ATHAYDE, em “Epidemia e flutuações de Preços na Bahia no século XIX” trouxeram a inestimável contribuição de alertar os estudiosos da história sobre

as tendências da metodologia moderna, não chegando, porém, a uma conclusão, ou mesmo a uma resposta definitiva a essas indagações, devido à falta absoluta de dados numéricos, com os quais se provassem esses movimentos conjunturais ou estruturais.

Em relação à metodologia implementada na confecção deste projeto, teremos: a utilização da História Social da Cultura e História Social da Medicina, alternando com as mentalidades, cruzando-as com as fontes primárias e secundárias (livros e registros), a fim de que juntas facilitem a compreensão das transformações socioeconômicas e religiosas dentre outras, tendo como pano de fundo o embate entre a medicina (ciência) e a religião (fé) acompanhada pelos curandeiros, a conhecida medicina popular rechaçado pelo cientificismo importado de forma equivocada da Europa pela elite brasileira.

Com essa perspectiva é que foram criados a *Gazeta Médica da Bahia* e o *Brasil Médico*, revistas que pretendiam investigar a realidade brasileira na busca de uma originalidade médica nacional. A *Gazeta Médica da Bahia* constituiu-se numa revista especializada produzida nos períodos de 1866 a 1934 e 1966 a 1972, com uma edição especial em 1976, abrangendo, portanto, um período extenso de edição, com pequenas interrupções até 1934, e retomada, posteriormente, quase 30 anos, em 1966. A *Gazeta* surgiu como um veículo de informação médica e social, trazendo em seu escopo as teses mais importantes dos cientistas, bem como artigos de interesse científico e social constituindo-se num manancial de fonte histórica para a compreensão da evolução das ideias e dos costumes da sociedade baiana.

Urgia, pois demonstrar os males comuns da sociedade, torná-los visíveis, expor a doença bem como alertar contra o perigo iminente da *cólera*, como destino futuro

que podia e devia ser evitado. O médico não deveria restar solitário em uma clínica, mas ser arauto e farol da sociedade, numa simbiose de médico e político.

No que diz respeito às fontes primárias lançaremos mão de documentos fundamentais originários da época do fenômeno pesquisado, cujo Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB) detém a posse, tais como: processos-crime, inventários, atas da câmara de vereadores, bem como do período da província baiana.

Epistemologicamente, utilizaremos enquanto referencial teórico, a história cultural, pois esta lança mão dos recursos metodológicos utilizados pela nova história, caracterizado pelo deslocamento do centro de atenção da história política do estado nacional para vida material, numa perspectiva de uma história total que enfeixe de uma vez a história episódica com o cotidiano.

Através da utilização de uma abordagem interdisciplinar, caracterizada pela percepção mais íntegra, menos fragmentária, no contexto no qual se insere a história, suas teorias e suas práticas, avaliaremos como reagiu – professores, cientistas e alunos. Assim, a utilização da história social com a finalidade de entender a secular mentalidade baiana senhorial, oligárquica, ora resultante de uma estrutura civilizacional de longa duração, que desemboca na vitimização da população baiana pela cólera nos anos de 1855 a 1856.

Metodologicamente, ainda no tocante às técnicas de pesquisa a serem utilizadas implementaremos os seguintes expedientes:

a) A observação lógica e crítica da documentação remanescente na Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB).

b) O comparativo, já que se busca uma analogia entre os poderes estabelecidos

(política e ciências) do século XIX.

c) A análise detalhada da Gazeta Médica Baiana, teses de doutoramentos e documentos governamentais.

d) A utilização conjunta dos métodos anteriores, aliada a uma preocupada e dedicada investigação bibliográfica.

As produções científicas realizadas pelos médicos que sucederam tal fenômeno, que a negligência, o despreparo médico e a falta de condições sanitárias favoreceram a dizimação e vitimização da sociedade baiana no século XIX, especificamente entre os anos 1850-1860, que se consubstanciava, basicamente, num contingente negro e mestiço, o que comprometeu a demografia, seguindo-se a secular tradição do desprezo pela questão racial, revelando-se, como os que lhe antecederam, mais um instrumento de controle social do negro.

Os escravos mais que as pessoas livres forão acommetidas do mal.” Prossegue dizendo: “[...] somos obrigados a declarar, em abono da verdade, que aquellos escravos que erão tratados domesticamente com a hygiene possível não forão muito affectados.[...]. “Já para os” [...] captivos que se empregarão em descarregar barcas e lanchas [...]”, o resultado foi assustador, a cólera “[...] atacou sem respeito algum, [...]”. As observações do médico cabem perfeitamente no caso do Grão-Pará.

(...) Os médicos negam os seus serviços, as autoridades desertam seus postos. “Fecham-se os engenhos de cana, porque morriam todos os escravos.” (Adriano Ponde) O gado invade os pastos e os canaviais ao abandono... “Maridos largam mulheres, pais a filhos e até filhos a mães nas angústias do maior sofrimento”, dí-lo Bomjardim em carta a Cotegipe. (MENEZES, 1955, p. 144).

## FONTES

Inicialmente, é relevante advertir sobre a carência de produção historiográfica a respeito do tema em voga, muito embora, entre outros, Antônio da Cruz Cordeiro, paraibano e estudante do 6º ano da Faculdade de Medicina da Bahia, vivenciou tal período, e logo após o surto da cólera, escreveu um livro intitulado “Impressões da Epidemia” que tratava das atividades médicas e faz uma análise de todo contexto epidêmico. Desta forma percebe-se que tal escritor foi precursor da presente temática.

O tema ora abordado foi tratado por alguns autores aqui elencados. Foram escolhidos os mais importantes, mas que trabalharam de forma genérica, tangencial e juntos contribuíram, imensuravelmente, para compreensão do contexto epidêmico numa sociedade escravagista tomada pelo medo e pela calamidade.

Dentre os textos manuseados para a produção do presente trabalho, mostrou-se relevante e de maior subsídio, a obra intitulada “O Inimigo invisível”, de Onildo Reis Davi, que estuda a epidemia na Bahia no século XIX. A obra está baseada em rica documentação manuscrita e impressa, e que reconstrói uma complexa teia de comportamentos perante a epidemia, representada por governadores, autoridades policiais, médicos, religiosos homens e mulheres comuns, livres e escravos.

Na sua obra, Onildo Reis, narra o tecido social de cima a baixo, ou seja, a epidemia da cólera não escolhia classe social, raça ou credo. O autor nos fala que o governo não sabia no início, exatamente, o que fazer e detalha o enfrentamento da cólera no dia a dia, numa narrativa que tem momentos de tensão. Prosseguindo, notaremos a discussão do confronto entre ideologias científicas e religiosas na busca por uma definição e uma solução para a epidemia. Ainda em seu trabalho, o autor reconstitui

o discurso médico, mostrando a ansiedade daquela categoria por impor seu saber a uma população refratária, e com razão, a vista da ineficiência dos tratamentos adotados.

Em continuidade, o mesmo autor faz uma análise do impacto econômico e demográfico do surto epidêmico: o comércio interno e externo foi duramente atingido, gerando escassez e carestia de alimentos em Salvador e no interior, mencionando a mortalidade que alvejou a sociedade por inteiro, mas, principalmente, os negros e mestiços, em particular escravos, a força de trabalho predominante na Bahia de então.

Outra obra escolhida foi a de João José Reis “A Morte e uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Século XIX”, pois ela contribui bastante na compreensão do horizonte mítico que envolvia a população baiana do século XIX em seus ritos fúnebres. Nesse sentido, o autor descreve a importância e os efeitos das transições que assinalaram os enterros daquela época, em razão da quantidade elevada de mortos. Tendo em vista que, nesse período, os movimentos sociais foram de grande relevância social.

Os temas fúnebres ocupavam lugar de destaque no imaginário da Bahia de outrora... festas em torno de imagens de cadáveres, essas procissões parecem ter sido de modelo para os antigos funerais brasileiros, verdadeiros espetáculos. As procissões do enterro, em especial, teatralizavam o funeral apoteótico. (REIS, 1992, s/p).

Deslocando-se das tradições populares ao saber médico e aos debates políticos, o autor realiza uma análise de símbolos e dos sentimentos. Nesta obra, João José Reis nos informa que a qualidade da mortalha ou da gala dos caixões (que evidenciavam a casta social a qual o indivíduo pertencia) não alteravam as festividades, atitudes e sensibilidade com relação à morte na Bahia do século XIX.

Tal prática, nascida na Idade Média, tinha um sentido simbólico considerável na vida dos cristãos, por acreditarem que o sepultamento nas igrejas aproximava os mortos dos santos de devoção e de Deus, funcionando assim como mecanismo para salvação das almas, além de promover um maior contato entre vivos e mortos e até mesmo, segundo a crença, no purgatório, a intervenção positiva daqueles em relação a estes. Contudo, desde o século XVIII, teses médicas, oriundas principalmente da França, apontavam essa prática como perigosa. “O progresso do conhecimento referente à medicina e a higiene (...) tornaram intoleráveis às manifestações de fenômenos aos quais se haviam acomodado perfeitamente durante séculos. A nova higiene revelou uma situação que antes não se percebia. (ARIÈS, 2003, p. 174).

No período pestilento, vinte anos depois do levante (cemiterada), a epidemia da cólera trazia, em seu rastro, os corpos putrefatos provocando alterações no cotidiano que as autoridades não eram capazes de conter, desencadeando um caos social. João José Reis (1992) informa, ainda, que a morte deixava de ser uma festa para se tornar uma ameaça terrível, obrigando, bruscamente, a população baiana inserida numa sociedade escravista a romper com seus dogmas e tradições culturais, abandonando pelas calçadas e vielas seus mortos.

Em seu artigo “Salvador e a epidemia de 1855”, Johildo Lopes de Athayde, analisou o tema utilizando novas abordagens, inaugurando uma nova tendência historiográfica recém-chegada ao Brasil, fazendo uma leitura conjunta do social, da ciência, do poder público e da religião, obtendo assim relevantes resultados, relacionando à epidemia as três tendências da historiografia tradicional, a saber: a descritiva (que visa, sobretudo, ao esclarecimento dos problemas abordados e relacionados com a origem, a trajetória, a cronologia, e difusão geográfica no período pestilento ou ainda fenômeno epidêmico); a médica e a numérica. “Doença

extremamente contagiosa, não iria aparecer no país provocando somente um ou outro caso, justamente numa época de pouca higiene e condições sanitárias precárias”. (ATHAYDE, 1985, p. 113).

Athayde realiza, também, em sua pesquisa uma, leitura da documentação de “orientações médicas” do período, não se restringindo a uma análise clínica da epidemia. Por último, ele utiliza a tendência numérica, dimensionando a redução demográfica, preocupando-se em mostrar a mortalidade, a crise econômica sócio-política, sugeridas por este ou aquele autor.

Assim, Athayde (1985) menciona em seu artigo que as dúvidas já citadas, se encontram longe de esgotar toda complexidade que o fenômeno epidemiológico comporta. Propõe fazer uma análise dos surtos epidêmicos no Brasil sobre a luz da nova História, particularmente, na Bahia. Ainda nesse trabalho, o autor limita-se ao estudo da epidemia da cólera de 1855, afirmando que representou um dos momentos mais dramáticos do período. Nesse sentido cita que, a difusão teria sido provocada pela chegada do vapor “Imperatriz”, vindo do Pará ao porto de Salvador. Entretanto, relata ainda neste trabalho, que fora na Bahia que a epidemia de 1855 provocou os maiores estragos, castigando de maneira violenta, não somente a capital, mas algumas regiões do Recôncavo entre outros pontos da província.

Utilizando-se do artigo da Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, produzido por Jayme de Sá Menezes, “Cipriano Betâmio e 1º Centenário da Epidemia de Cólera Morbo de 1855, na Bahia”, observa-se: antes de entrar no cerne da questão que relacionada à epidemia de cólera propriamente dita, que o autor realiza um retrospecto histórico das endemias que grassavam na Bahia desde o século XVI (descobrimento) aos dias em que se instalou a cólera, utilizando documentações médicas

e anotações de Cipriano Betâmio, médico voluntário, um dos abnegados que deram a vida para combater a referida epidemia na cidade de Santo Amaro, revelando o descaso dos poderes públicos e científicos para com os infectados.

Ora, meus senhores – é sabido – em 1952 eclodiu a primeira epidemia na Bahia: foi a de gripe, nomeada “tosse-geral” (tal o número dos a quem interessou), quando precedia aos destinos da Bahia – vale dizer do Brasil – vale dizer do Brasil – o governador-geral Tomé de Souza; já em 1559, indo até a 61, foi a de “câmaras de sangue”, isto é, disenterias, aqui tomou conta da cidade. (MENEZES, 1955, p. 130).

Ainda nesse texto, Jayme de Menezes, à sombra de uma história tradicional, que em geral era costume da década de 1950, cruzava as esferas socioeconômica, política, religiosa e científica, sendo, esta última, posta várias vezes em xeque pelo autor, tornando a obra rica em informações. Nota-se no texto referenciado, uma minuciosa descrição da origem e vulgarização da cólera: sua passagem pela Europa, América e especificamente no Brasil, a propagação regular da epidemia. Ele descreve como os portadores do bacilo agiam, a sintomatologia, etiologia e a patogenia. Traçam uma relação entre vigilância sanitária, o poder público e as medidas providenciais tomadas junto à Comissão ou Junta de Higiene Pública (higienistas).

Nesse diapasão, revela-se altamente importante utilizar o livro de Luiz Henrique dias Tavares, “Historia da Bahia”, onde ele produziu um texto realizando um estudo sistemático das duas principais endemias que atingiram a Bahia na década de 1850, da chegada a sua disseminação pelas cidades de Santa Amaro, Cachoeira e Nazaré, cidades significativamente populosas (na proporção da época). Tavares também se preocupou com as questões socioeconômicas, política religiosa e racial, uma vez que uma sociedade como a baiana, constituída

majoritariamente de negros e mestiços, não pôde realizar concretamente, o sentido da cidadania, vivenciando a carência de condições sanitárias que tornava Salvador suscetível à moléstia infectocontagiosa.

Torna-se perceptível neste trabalho, que o maior obstáculo para vencer a epidemia da cólera morbo não estava em identificar sua causa e descobrir o tratamento eficaz. Na maioria das vezes, o problema era o preconceito dos seres humanos, em especial, do médico para com o paciente infectado ou medo que provocava rejeição e indiferença, principalmente, pelo simples fato de grande parte da população atingida ser negra ou mestiça.

Por regularidades devemos entender o sistema de dominação sócio-racial da elite branca sobre o povo, na sua maioria constituída de negros e mestiços, assegurada pelo discurso competente daqueles que se consideravam homens de ciências, intelectuais que escreviam e analisaram a epidemia de cólera dentre outras patologias para Gazeta Médica Baiana (GMB).

A pesquisa já se encontra em um estágio avançado, dividida em três capítulos, trabalho produzido para efeito de conclusão do curso de graduação em história.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro, Ediouro, 2003.

ATHAYDE, Johildo Lopes de. **Salvador e a grande epidemia de 1855**. Salvador: Centro de Estudos Baianos da UFBA, 1985.

BARRETO JÚNIOR, Jurandir Antônio Sá. **Raça e degeneração: análise do processo de construção da imagem dos negros e mestiços, a partir de artigos publicados na Gazeta Médica Baiana (1880-1930)**. Salvador: Ed. UNEB, 2005.



BITTENCOURT, Liberato. **Homens do Brasil**. vol. II Parahyba (Paraibanos ilustres). Rio de Janeiro: Gomes Pereira, 1914.

CORVISIER, André. **História moderna**. Tradução de Rolando Roque da Silva e Carmen Olívia de Castro Amaral. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

DAVID. Onildo Reis. **O inimigo invisível: epidemia na Bahia no século XIX**. Salvador: EDUFBA, 1996.

MENEZES, Jayme de Sá. "Cipriano Betâmio e 1º Centenário da epidemia de cólera morbo 1855 na Bahia". **Revista do IHGB**. Salvador, BA, Ano 1955.

REIS, João José. **A Morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Século XIX**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SANTANA, Jussilene. Tempo de Peste. Memórias da Bahia II. In: **Correio da Bahia**. Salvador: ano 1, n. 4, p. 52, jan. 2002.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2001.

